



MAN HUNT: A REPRESENTAÇÃO DO *EU* ATRAVÉS DA IMAGEM FOTOGRÁFICA¹

MAN HUNT: THE PRESENTATION OF SELF THROUGH THE PHOTOGRAPHIC IMAGE

Marcos Vinícius da S. Neves²

RESUMO: Este artigo objetiva desenvolver análise do uso da imagem fotográfica como instrumento de representação do eu no *site* de relacionamentos *Man Hunt*³. Pretende-se, então, partir da observação da relação entre as fotografias utilizadas e o conteúdo textual como estrutura de uma representação da subjetividade particular a esta comunidade virtual. Para tanto, recorre-se, aqui, à conceituação de fachada e representação apresentadas por Erving Goffman e postas em diálogo com algumas definições trazidas por Guy Debord.

Palavras-chave: Representação do eu; *sites* relacionamento; *man hunt*; imagem fotográfica

ABSTRACT: This article aims to develop analysis of the use of the photographic image as an instrument of representation of the self in social networking site *Man Hunt*. It is intended, then, from the observation of the relation between the photos and text content used as a structure of a representation of subjectivity to this particular virtual community. It uses up here the concept of front and representation made by Erving Goffman and put into dialogue with some definitions brought by Guy Debord.

Key words: Representation of the self, virtual community, man hunt, photography

A partir do contato com o *site* de relacionamentos *ManHunt* é possível ser chamado à atenção pelo modo como se dá a construção dos perfis⁴ de seus usuários, através de fotografias e textos auto-descritivos, bem como pela maneira como os membros dessa comunidade estabelecem relações entre si. De fato, o homem, em qualquer ação social e diante de seus semelhantes, atua. É desta forma que tenta dirigir e dominar as impressões que *o outro* tem sobre ele, pois o indivíduo seleciona a conduta que se tornará visível ao acionar seu equipamento expressivo. Porém, quando esta ação ocorre no ambiente virtual, onde suas ferramentas

¹ Trabalho elaborado como avaliação parcial da disciplina Cultura e Experiência Estética, ministrada pela Prof.^a Renata Pitombo, do programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade – Pós-Cultura da Universidade Federal da Bahia.

² Fotógrafo e Estudante do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes – Universidade Federal da Bahia. Email: camerra@gmail.com

³ Comunidade virtual de relacionamentos voltada para o público homossexual masculino.

⁴ Páginas pessoais onde cada usuário membro do *site* pode cadastrar informações pessoais, através de texto e álbum virtual de fotos.



amplificam as possibilidades de domínio do que é expressado, esta ação representativa surge intensificada.

No caso da comunidade virtual aqui tratada, tais representações estão subjugadas às regras de um jogo de interpretações cujos objetivos estão claramente postos sobre o assaolho da intenção sexual. Embora este jogo permita certas variações, sua finalidade jamais está oculta, pois, mesmo quando negada pelo conteúdo do texto de auto-descrição, quase sempre é reafirmada pelo conjunto de imagens disponibilizado por cada usuário. Assim, o caráter cênico das relações – para o qual a imagem fotográfica e o domínio do conteúdo exposto mostram-se como aliados fundamentais – entre os indivíduos tem sua hipérbole no momento em que se encontra com as regras do desejo sexual.

Cabe, aqui, pôr em relevo a ideia de fachada pessoal, apresentada por Erving Goffman como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.” (GOFFMAN, p.29, 1959). Para tanto, por se tratar de um ambiente virtual, em que a interação “face a face” se dá apenas num momento posterior, a fachada ocorre sob a autonomia de cada usuário – pelo menos num primeiro momento – quando este elege o conteúdo da mensagem exposta, de acordo com suas próprias pretensões ao ingressar no *site*.

A representação do eu

Através da metáfora da *ação teatral*, em “A representação do eu na vida cotidiana” Erving Goffman afirma que o indivíduo, em qualquer ação social e ao se apresentar diante dos outros, aciona seu equipamento expressivo a fim de ser acreditado durante sua atuação. Contudo, dizer que desempenhamos papéis de representação quando executamos nossas ações sociais não confere, de modo algum, uma novidade, mas apenas aponta um aspecto constituinte das relações do entre indivíduos em sociedade.

Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois, se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir (GOFFMAN, 1959, p. 36).



Concomitantemente, é possível estabelecer ponte entre o pensamento de Goffman e os conceitos de *imagem* e *sociedade do espetáculo* apresentados por Guy Debord, quando este descreve o espetáculo como sendo uma sociedade em que a imagem é a abstração do mundo real, por intermédio da qual se dão as relações entre os indivíduos, pois “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (DÉBORD, 1967, p.9).

Esta mediação por imagens pode ser entendida como sinônimo do caráter cênico das relações interpessoais quando compreendemos que, no momento das interações, estas se dão a partir das condutas idealizadas por parte dos indivíduos envolvidos. Estes, enquanto atores, expressam aquilo que julgam afim com as impressões sobre si mesmo percebidas por outrem. Portanto, o espetáculo está no cerne das relações humanas, pois, desde que haja presença do outro, haverá encenação.

A hipérbole cênica

Entende-se que, durante o movimento da vida cotidiana, o homem atua e que esta encenação é traço constituinte de suas relações com o outro. O indivíduo, enquanto ator – e aqui utilizamos termos cunhados por Goffman –, tende a atender as expectativas da sociedade, a quem compreende-se como platéia. Novamente aqui, é possível remontar aos termos utilizados por Debord quando este nos apresenta suas considerações sobre a sociedade do espetáculo.

Em nossas ações sociais, guiamos nossas condutas a partir do que realmente somos, do que a platéia deseja que sejamos e do que nós desejamos ser (GOFFMAN, 1959). Através dessa tríade, então, somos compreendidos pelo outro e este nos configura.

Na realidade tangível, estes três componentes estão permanentemente envolvidos por uma série de fatores e condições que interferem diretamente em seu arranjo. Contexto e situações sociais específicas, por exemplo, determinam qual dessas três partes será mais ou menos determinante no comportamento do sujeito em determinado momento. Porém, é importante fazer notar que as impressões que o outro tem sobre nós, na vida cotidiana, não está reclusa àquilo que desejamos que seja percebido.



No caso do *site* de relacionamentos *Man Hunt*, é o domínio desta tríade que surge como fato novo. Pois, com maior possibilidade de determinar ou sugerir as impressões tidas pelo outro, o sujeito tem seu instante de autonomia e desta faz uso a fim de atingir seus objetivos. Contudo, este átimo autônomo reencontra instabilidade quando permite passagem a etapa seguinte do contato, em que a interação “face a face” se mostra como finalidade primeira.

Neste momento, é possível identificar o que poderia ser chamado de hipérbole cênica, pois os traços de encenação, já presentes fora dos ambientes virtuais, neste site são percebidos de maneira aguda. Pois a impressão sobre o sujeito, por parte de outrem, aqui assume maior relevância e passa a determinar o tipo de conteúdo que o usuário tente a expor.

A urgência do *eu* não deslocado

A fim de tornar mais didática a apresentação do nosso objeto de estudo, o conceito de *imagem*, obtido a partir do hipotético debate entre esses dois autores e aqui utilizado, poderia ser considerado como sinônimo do que se tem como *identidade*. Contudo, tal utilização se daria de maneira problemática, visto que seria necessário inserir um outro debate ao nosso trabalho. Desta forma, as definições de identidade, bem como a própria palavra, não estarão presentes nesta análise.

Recorrendo às ideias apresentadas por Goffman, justapostas às concepções trazidas por Debord, pode-se notar a relevância das *imagens* no momento em que se instauram as relações entre pessoas. Compreende-se, aqui, *imagem* como uma estrutura de representação a partir da qual um indivíduo se apresenta a outro; um conjunto de condutas que se articulam e, então, permitem determinadas impressões tidas pelas partes envolvidas nas interações.

No ambiente da comunidade virtual em questão, esta *imagem* conceitual – que compreende a representação do *eu* – é apresentada a partir do conjunto composto por imagens fotográficas e texto auto-descritivo, ambos determinados pelo próprio usuário. Através desta estrutura, cada pessoa dispõe informações sobre preferências, características pessoais, bem como sobre suas intenções naquele *site*. Contudo, este cenário impalpável, onde se dá o primeiro contato, serve apenas de suporte para uma interação que não irá se satisfazer apenas dentro de seus limites virtuais. Pois o *site* se mostra como suporte utilizado para uma possível interação física posterior.



É através desta mensagem exposta que, neste contexto, cada indivíduo inicia o processo de conquista do outro, objetivando atingir a realização de suas pretensões ao utilizar esta ferramenta. É preciso que, para isso, ele exponha informações sobre determinados aspectos pessoais – sejam físicos ou intelectuais – que possam parecer aprazíveis ao olhar alheio.

Tendo controle sobre o conteúdo exposto em suas páginas pessoais, os usuários constroem seu perfis a partir de uma projeção parcialmente idealizada das percepções que tem sobre si mesmos. Tal estrutura, exercendo função de cartão de visitas, é avaliada pelos demais participantes que devem estabelecer contato (ou não) a partir do julgamento do conteúdo exposto. Entra em cena uma série de critérios de avaliação para o qual as imagens fotográficas disponibilizadas assumem maior relevância que o conteúdo verbal.

As fotografias disponibilizadas em seus álbuns virtuais quase sempre determinam a impressão que se pode ter sobre um ou outro indivíduo ali presente. É notável serem maioria aqueles que ocultam seus rostos, ao tempo que preferem exibir seus predicados físicos através de imagens de seus corpos – ou de parte destes. Tal conduta concorda com a finalidade primeira, à qual o *site* se propõe. Porém, ainda que esse caráter do corpo semi-explicito se mostre mais comum, restam ainda aqueles que optam por revelar seus rostos e não expor o esartejamento fotográfico de seus corpos. É desta forma que se pode estabelecer ponte entre o conteúdo visual exposto e as pretensões do usuário. Desta forma, espera-se que tais objetivos estejam de acordo com a auto-descrição e, principalmente, com as imagens disponibilizadas.

Da mesma forma que se espera a compatibilidade entre imagem, conteúdo, pretensões e preferências nas páginas pessoais, é certo também que todo esse conjunto de elementos deverá estar de acordo com a conduta real da pessoa no mundo tangível. Tal fato é esperado, considerando-se que todo o contexto da comunidade virtual representa o estágio inicial que objetiva o encontro palpável entre seus participantes. Assim, o descompasso entre informações exibidas no *site* e comportamento na realidade cotidiana culminaria na frustração por uma ou ambas as partes envolvidas na interação.

Ainda que o caráter cênico que perpassa as relações interpessoais esteja evidentemente mais latente nessa conjuntura, ocorre, aqui, a exigência da harmonia entre este *eu* idealizado e a realidade tangível. Somente dessa forma, a relação no mundo palpável – extra comunidade virtual – poderá se dar de maneira não frustrada.



Entendemos que, sob os aspectos cênicos da vida cotidiana e, ainda, sob sua hipérbole quando considerado o ambiente virtual dos *sites* de relacionamentos, exige-se a harmonia entre as dimensões do que realmente somos e do que é projetado acerca desta instância. Sendo assim, o descompasso entre o eu e sua representação dificilmente pode ser sustentado, visto que as regras de convivência em sociedade determinam uma unidade do sujeito, apesar da encenação.

Neste momento, faz-se pertinente somar à discussão algumas concepções da nova psicologia apresentadas por Merleau-Ponty, quando este nos traz o *visível* e o *invisível* como instâncias indissociáveis, frente às idéias da psicologia clássica. Aqui, considerava-se que os fatos psíquicos – ou sentimentos – não poderiam ter captados seus “*signos corporais*”, já que, enquanto instâncias interiores, somente por meio da introspecção poderiam ser conhecidos.

Porém, ter tais fatos psíquicos como instâncias exclusivamente interiores é desconsiderar sua incidência modificadora nas relações do *eu* com outrem, em que sua porção visível é revelada a partir do comportamento. Segundo o autor, os sentimentos “não são fatos psíquicos ocultos no mais profundo da consciência de outrem; são tipos de comportamento ou estilos de conduta, visíveis pelo lado de fora” (MERLEAU-PONTY, p. 109, 1983).

O visível, no *Man Hunt*, diz respeito ao corpo que se apresenta por meio do conteúdo fotográfico presente nos perfis que compõem aquela comunidade. O composto de objetivos e preferências contido ali, em textos, alicerça a mensagem final e ápice da representação que se apresenta por meio da imagem fotográfica. Por outro lado, o comportamento, neste cenário, pode ser entendido como o conjunto de informações presentes nos perfis, que conferem aspectos referentes à conduta de cada usuário, evidenciada pelo que cada um dispõe ao olhar dos demais.

É, justamente, a fotografia que, objetivando ressaltar predicados físicos – a fim da conquista – assegura o lugar do eu subjetivo contido nos aspectos do visível, ali presentes, e testemunhado pelo *outro*. Desta forma, é possível conceber o uso desta linguagem, neste caso, como forma de representação ambígua do *eu*, que se encontra imerso num contexto em que as representações estão intrincadas à estrutura das relações possíveis entre os membros desta comunidade virtual, mas que tende a jamais renunciar à autenticidade de sua instância interior.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo : comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LOKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O cinema e a nova psicologia** – In XAVIER, Ismael (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1983.

Disponível.com. Disponível em www.disponível.com . Acessado em 30/10/2009

Man Hunt. Disponível em www.manhunt.net . Acessado em 28/10/2009.